



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



Lambertini

REPRESENTANTE

DOS

Editores Francezes

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras
de Operas
antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura Musical

POR ASSIGNATURA

500 réis mensaes

(Peçam-se catalogos)

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior Qualidade

Pianos

das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel,**
Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc. x x

MUSICA

dos principaes editores — **Edições**
economicas — Aluguel de musica. x

Instrumentos diversos,

taes como: **Bandolins, violi-**
nos, flautas, ocarinas, etc.

PEÇAM-SE OS CATALOGOS



Praça dos Restauradores



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—
Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—
Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-
mania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia
e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta. —
Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.
PARIS.—334, Rue St. Honoré.
LONDON W.—10, Wigmore Street.

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos
CELEBRES **BECHSTEIN**
PIANOS

Casa Lambertini * Praça dos Restauradores

BERLIM CAROL OTTO BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação de ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante—Boa sonoridade—Afinação segura—Construcção solida

BERLIM CAROL OTTO BERLIM



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARY: — Edouard Nanny. — Curiosidades musicas. — Um pobre critico enervado pelos srs. Lambertini e Arroyo. — Real Theatro de S. Carlos — Concertos — Opereta portugueza. — Theatro D. Amelia. — Noticiario. — A premio. — Necrologia

Edouard Nanny

Depois do grande Bottesini, que esteve em Lisboa em 1881, e de Italo Caimmi, que mais recentemente tivemos occasião de admirar tambem, raros, rarissimos mesmo, tem sido os concertistas, que se tem consagrado ao contrabaixo, como instrumento solista. E... *pour cause*.

O gigantesco instrumento não é realmente para tentar, nem pela dureza do som, nem pela facilidade do manejo: para domar esse mastodonte da orchestra, para o fazer cantar na melodia expressiva, para lhe incutir elegancia e graça nas passagens de ligeireza e de mimo, imagine o leitor se não serão precisas uma coragem á prova de tudo e uma paciencia de verdadeiro evangelista!

Edouard Nanny é um d'esses poucos homens de coragem e de paciencia. Apresentando-se como *virtuose* do contrabaixo, tanto em França, como na Alemanha, Belgica, Russia, Italia, Hespanha, Hollanda, etc., impoz-se logo pela execução, verdadeiramente prodigiosa, não só das poucas peças que ha escriptas para o seu instrumento, mas ainda de muitas transcri-

ções de obras de violoncello e fagote, que melhor se adaptam aos recursos do contrabaixo.

Possue Nanny dois soberbos instrumentos. Um de Pedro Guarnerius, montado com quatro cordas e outro, de modelo por elle proprio imaginado, e que já hoje se adopta nos Concertos Colonne e na orchestra da *Opera-Comique*. E' junto a este ultimo instrumento que vemos o artista, na gravura que illustra este artigo. Tem cinco cordas este novo contrabaixo, descendo ao *dó* gravissimo, sem prejuizo da sonoridade e do timbre e sem alterações no mecanismo e foi construido, segundo as indicações e conselhos do proprio tocador, pela casa Lambert-Humbert, de Mirecourt.



Não ha muitos dias que o Porto, por iniciativa do benemerito *Orpheon*, teve a fortuna de admirar este extraordinario solista; vem portanto o mais a proposito possivel a apresentação que d'elle fazemos hoje aos

leitores do nosso quinzenario.

Diremos, para terminar, que Edouard Nanny nasceu em 1872, em Saint-Germain-en-Laye, e foi discipulo do Conservatorio de Paris, na classe de Verrimst. recebendo, no concurso de 1892, um brilhante primeiro premio.

Curiosidades musicas

(Continuado do n.º anterior)

XXXV

Anna Maria de Andrade. — Uma cantora portuguesa na corte de Madrid

Era musica da rainha D. Isabel de Bourbon, primeira esposa de Filipe IV, de Hespanha, 3.º de Portugal.

Tendo adoecido, veio para este reino, sua patria, para se tratar, concedendo-lhe el-rei, durante o tempo que aqui se conservasse em tratamento, duzentos cruzados e quatro moios de trigo por anno.

Colhem-se estes pormenores do Alvará com força de carta de 19 de maio de 1627, o qual é do teor seguinte :

«Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem que avendo respeito a Anna Maria de Andrade, muzica da rainha minha sobre todas muito amada e prezada molher, por se achar falta de saude, haver pedido licença para vir a este Reino, donde he, a curarse, e para que nelle se possa sustentar, hei por bem de lhe fazer merce de duzentos cruzados e quatro moios de trigo cada anno, emquanto estiver neste dito Reino curandose, e que lhe seja tudo asentado donde com effeito e brevidade os possa cobrar, pello que mando aos vedores de minha fazenda que lhe fação asentar os ditos duzentos cruzados e quatro moios de trigo nos livros della e do dia que constar que entrou neste Reino despachar cada anno emquanto nelle estiver em parte onde com effeito e brevidade os possa cobrar como dito he por este que valera como se fora carta feita em meu nome sem embargo da ordenação que o contrario despoem. Baltesar Ferreira o fez em Lisboa a dezanove de maio de mil e seiscentos e vinte sete annos. Sebastião Perestrello o fez escrever.»

Torre do Tombo.—Chanc. de D. Filipe 3.º doações, L.º 31, fl. 126 v.

XXXVI

Duas cantoras seiscentistas portuguesas, celebradas por dois poetas contemporaneos

D. Francisco Manuel de Mello manejou com igual pericia a espada e a penna, sendo todavia nas letras que mais gloriosamente vinculou o seu nome. Dotado de grande actividade, o exercicio das armas não o privou

de ser um dos mais fecundos e mais notaveis polygraphos do seculo XVII. Poeta e prosador applicou-se a diversos generos, cultivando com especialidade o historico, em que foi eminente, o didactico, o moral, e o humoristico. Neste ultimo o equiparam a D. Francisco de Quevedo, com quem mantinha relações de amizade !

A lingua portuguesa e a hespanhola eram-lhe por igual familiares, enriquecendo assim simultaneamente as duas literaturas da península.

Apesar do seu vasto e elevado engenho, Mello não poudesquivar-se á nefasta influencia do culteranismo e da escola de Gongora, que tão deploravelmente contagiaram quasi toda a nossa literatura seiscentista. A producção poetica de D. Francisco Manuel acha-se colleccionada num grosso volume publicado em Lião de França, sob o titulo de — *Obras metricas*, e ahí, a pag. 83 da parte intitulada — *Avena de Tersicore*, se encontra um romance em hespanhol, onde abundam os conceitos, pensamentos sutis, os trocadilhos e as antitheses, um perfeito modelo do gosto predominante.

Este romance é consagrado a uma senhora, cuja voz corria parelhas com a formosura. Chamava-se Marica de Portugal Existiria na realidade, ou apenas na imaginação do poeta ?

No mesmo volume ha outras composições poeticas que foram postas em musica, como nellas se declara, por alguns dos mais notaveis professores do tempo.

Jeronimo Vahia foi um dos mais famigerados discipulos de Gongora, excedendo o mestre não nas virtudes, mas nos defeitos. Custa a crer como se desperdiçava tanto talento nestes fogos de artificio, que deslumbravam então os contemporaneos, e que hoje não passam de fumarada asfixiante.

Jeronimo Vahia depositou as flores de um *Soneto*, bastante sibilino sobre o tumulto de uma dama, grande musica chamada D. Bernarda de Meneses. Se decifro bem a charada era natural do Porto, ou alli fallecida, sereia, cuja morte enlutara as margens do Douro. E' comparada á sereia Parthenope, que deu nome á cidade de Napoles.

Reproduzo em seguida o *Romance* e o *Soneto*.

Celebrando el nombre, la hermosura y la musica de vna Dama

ROMANCE XII

Vayanse todas Maricas
a escurecer y a llorar;
que a lucir y a cantar viene
Marica de Portugal.

Vayanse sin verla o oyrla ;
 porque despues no podran ;
 pues trae lazos y hechizos
 para prender y cegar.

Mas si entienden, como entiendo,
 que las pueden servir, mas
 las sombras y los peligros
 que su luz y libertad.

Quedense todas Maricas
 que en Marica aprenderan
 aquel ayre y aquel donayre
 de cantar y de encantar.

Aprenderan de dos modos,
 a matar : por bien y mal,
 sy por mal, con la hermosura,
 por bien, com la suavidad.

Matar con lo lindo; es como
 cou vn dorado puñal,
 y es con lo lindo y lo dulce
 matar, mas resuscitar.

Ya de encantado, o cautivo
 no escapa coraçon, ya,
 despues que vestio Marica
 la armonia de beldad.

Mas quien se admira, que estê
 donde Portugal está
 tan en ser punto el almibar
 del cantar y del mirar ?

Vos otros ojos y oidos
 los que veis, los que escuchais,
 su belleça toda en Sol,
 su donaire todo en sal.

Sy ala vista de Marica
 ó al eco haveis de faltar;
 pues aunque gracias sin cuento
 és bien que a contarlas vais.

Contando tanta belleça
 referindo gusto tal
 sobre tan linda y donosa
 que és ingrata, no digais.

Para entre nosotros, quede
 de Marica, esté lunar ;
 o quede, para mi solo
 pus és solo mi caudal.

A' Morte de Dona Bernarda de Menezes grande Musica

SONETO

Não eras tu, me dize, o grão Cidade,
 Quem tomou o seu nome do seu porto ?
 Pois que transformação, que novidade
 Em Napoles mudou, quem era Porto ?

Tu não eras, responde, ó Rio ufano
 Quem tomou o seu nome do seu ouro ?
 Pois que rara illusão, que novo engano
 Em Sarno converteu quem era Douro ?

Ah ! se morreo em vós huma Sirena,
 Em vós morreu Bernarda, e deste intante
 Por razão de tal gloria ou de tal pena

Huma cidade a outra he semelhante,
 Semelhante este rio áquelle corre,
 Cá morre huma Sirena outra lá morre.

(*Fenix Renascida*, T. 3.º pags. 200)

XXXVII

Antonio Prestes e Jusquin Després,
 o poeta e o musico. — Os livros de coro
 do Convento de Christo em Thomar

Antonio Prestes foi um dos poetas comicos que mais copiosamente contribuíram para a collecção de *Autos*, publicada em Lisboa em 1587 por Affonso Lopes, moço da capella del-rei. Segundo Barbosa Machado, nasceu em Torres Novas, casando-se em Santarem, onde exerceu o cargo de Inquiridor do Cível. Estas asserções não se acham autenticadas com provas ou documentos.

Dos *Autos* de Antonio Prestes não se colhe mais particularidade biographica, a não ser que era homem de tal ou qual instrução, a ajuizar pelo grande numero de referencias eruditas. Parece tambem que cultivava a musica, ou tinha della conhecimento, pois mais de uma vez emprega imagens fundadas nesta arte. Os seus *Autos*, á semilhança dos de Gil Vicente, estão entermeiados de coros e danças. No auto da *Ave Maria* entram em scena diversas personagens allegoricas *cantando, bailando e tangendo com guitarra, pandeiro e adufa*. O *Diabo* (pag. 5) abre a peça com o seu monologo, espressando-se por estas palavras :

«Eu era *b mol*
 O homem *b quadro*, o fá eu o *sol* ;
 se o homem subia em *sol* eu em *lá*
 porque o homem subia de ca,
 eu *lá* eu mais *lá*, por mais rossinol.

Esta phraseologia acha-se aproximadamente reproduzida no auto do *Mouro encantado*. Diz este, em castelhano (pag. 401):

yo tañia, ella solfava
 los puntos, la compustura
 la viguela, en ella va
 siguiendo vuestro *bémol*;
 vos de *sol* llegaes a *lá*
sol e *lá* en sola está
 lo que en mi teniebla es *sol*;

No auto da *Ciosa*, Fernando moço, o cho-carreiro da peça, manifesta assim os seus instintos de calaçaria (pag. 329) :

tanzedor quizera ser
mas nunca pude tanger
se não *viola* de somno,
e pois hei-de esperar passo,
em mentas que o esperar
quero assi esp'rimantar
tanger como um pedaço,
por ver se com somno passo
sem me lembrar o jantar.

Outras citações de maior importancia se encontram em Antonio Prestes, são as que alludem a Jusquin e a Morales, ao primeiro sobretudo que lhe merece particular attenção. Jusquin ou Jusquin Deprés, foi um celebre musico da segunda metade do seculo XV, que assombrou e avassalou a Europa inteira com as producções do seu engenho, reformador e peregrino.

Morales foi um notavel compositor hespanhol do seculo XVI.

Estes trechos acham-se nos autos da *Ave Maria*, da *Ciosa* e do *Mouro encantado*, e são do teor seguinte respectivamente a pags. 20, 341 e 353 da edição dos autos de A. Prestes feita no Porto em 1871, edição de que me servi para este estudo :

Musicas são
as mais graves,
mais *jusquinas*, mais suaves
e na solfa que nos dão
consistem nossos conclaves
etc.

Casado — Senhora, olhae para mi
que eu não quero mais espelho

Barbeiro — Direis como diz Josquin¹
senhor, sol, lá, fá, ré, mi,
porque ja sou perro velho.
etc.

Fernão — Ah! meu Josquin meu Morales
quantos males
solfaes a me querer mal!

Guman — Não se tocam atabales,
nem se enchem montes, vales²
se não desse mal mortal
etc.

A celebridade de Jusquin não se tinha obscurecido no seculo XVII na peninsula hispanica, como se póde verificar pela seguinte

quadra de um romance satyrico de Francisco de Francia y Acosta.

«Vereis cierto valenton
Que direis que es un Roldan,
Y es tal, que ha hecho más fugas
Que Jusquin y que Ruy Blas.»

Francisco de Francia era natural da cidade do Porto, donde se ausentou, não se sabe porque motivo, para Madrid, onde entrou em alguns certamens poeticos e fraternisou com alguns dos mais celebres engenhos da epoca. Lope de Vega fazia d'elle grande apreço e não menor conceito formava d'elle o dr. Paulo de Zamora. Ignoram-se os pormenores da sua vida, sabendo-se apenas que era bom poeta, ainda que pouco fecundo, a ajuizar pelo pequeno volume, que publicou em Madrid em 1624. sob o titulo de *Jardin de Apolo*. D'estas elegantes poesias se fez segunda edição em Coimbra, na officina de Manuel Dias, impressor da Universidade em 1658.

No coro do convento de Christo em Thomar havia um livro de missas de Jusquin, certamente manuscripto, segundo se infere da verba de pagamento feito a Fernão Lopes, vigario de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa.

Esta verba exarada no livro das despesas do anno de 1564, está concebida nos seguintes termos:

«Pagou mais o dito Rev. Antonio Tavares vinte e cinco mil rs. a Fernão Lopez, vigario de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa por seis liuros de canto dorgão um de Jusquin de biiij missas e biiij rs. e outro de diversas missas por bj rs. e um de motetes por iiij rs. e outros de motetes e mag^{es} (magnificas?) por iiij rs. e dous de missas de forma eguaes iij rs., o qual dinheiro pagou por mandado do padre dom Prior conforme a provisão de sua Alteza.

Torre do Tombo, L.^o de Thomar 103, fol 179.

SOUSA VITERBO.



UM POBRE CRITICO ENCRAVADO PELOS SRS. LAMBERTINI E ARROYO

II

A primeira affirmação que salta aos olhos, é decerto, a do sr. Lambertini que na *Arte Musical* começa por dizer que eu «a propo-

¹ Na edição de que me sirvo lê-se *Joaquim*.

² Na mesma se imprimiu aqui — *Nales*, o que nada é, devendo ser *vales*, isto é *vales*.

sito de estudos de alta psicologia» quiz dar uma descasca tremenda em Vianna da Motta (é pouco mais ou menos isso, o que diz o illustre critico); ora, em primeiro lugar, a descasca não foi tão tremenda, como pensa o sr. Lambertini, pois não deixo de apreciar e muito Vianna da Motta, e além d'isso, eu, para tratar d'um assumpto geral, não preciso lançar mão d'outro muito especial que me auxilie, formando assim, uma união verdadeiramente hybrida; o meu fim não era fazer alta psicologia que só farei n'outros trabalhos *multissimo* mais profundos mas apenas, fazer uma critica verdadeiramente scientifica, aproveitando um pouco (um pouco, apenas) as minhas criações na sciencia psicologica; na minha critica, essa sciencia é que está ao serviço d'ella, como é natural e não a domina, como seria absolutamente disparatado. Posto isto, apraz-me antes, responder mais desenvolvidamente ao sr. Arroyo, pois a extrema ironia do sr. Lambertini obrigou-o a não fazer um ataque directo ao meu trabalho, como o sr. Arroyo, na sua conferencia. Este senhor, velho e portanto rabojento critico, como elle proprio confessou ser n'uma outra conferencia realisada em Coimbra, depois de ter dado uma descasca, mas então uma verdadeira descasca (não como a que me attribue o sr. Lambertini) em toda a academia, aliás, diga-se de passagem, com muita razão, este senhor, repito, lançando toda a sua bilis sobre mim, pobre critico encravado, começa por afirmar um pouco indirectamente e com o seu já conhecido dogmatismo iberico, que é extremamente absurdo supôr-se que só Beethoven carece d'um interprete genial e que Bach, Chopin, Mendelssohn e Gluck não exigem esse genio, dos seus interpretes; ora, não era propriamente no campo da musica considerada superficialmente, que o sr. Arroyo tinha o direito de dizer isso, mas sim no campo da psicologia; e por ventura, o sr. Arroyo podia entrar nesse campo? Por isso, fez uma afirmação dogmatica que não procurou discutir, da mesma forma que com um arrojo inacreditavel, na primeira conferencia realisada em S. Carlos sobre a Tetralogia, e com toda a força coativa do dogma, fez a afirmação de que Wagner não era um degenerado (!!!).

Pela maneira como o sr. Arroyo procedeu commigo, vê-se que caiu numa contradicção flagrante com os principios expostos na conferencia de Coimbra; ah, elle criticou acerbamente o concheirismo da mocidade moderna, exigindo della, mais energia, mais impetuosidade, mais audacia e nesse caso, não devia ter-me atirado

tantas pedras pois exactamente no meu trabalho eu mostrei essas qualidades; é verdade que o sr. Arroyo não sabia que eu era novo, que tinha apenas 22 annos quando escrevi o meu estudo, mas se ninguem lh'o disse, elle devia tê-lo previsto pois um homem feito só escreve com tal energia, sendo o seu nome já conhecido por todos, sendo a sua audacia, já em novo, notavel e a mim mal me conhecem ainda.

Mas a minha resposta não terminou por enquanto !...

.....
Que vejo!! Já tres linguados escriptos e tendo ainda tanto que dizer!!

Desculpe-me, sr. Arroyo, mas só noutro artigo poderei concluir as minhas considerações.

RAÚL DE SOUSA LEÁL.



Foi cantado o *Fausto* nas noites de 15 e 16 para com êle se despedir a sr.^a Dereyne, que teria sido melhor apreciada se na corrente época lirica tivesse reaparecido nesta opera. A *tessitura* da musica da parte de Margarida está mais apropriada do que a da Carmen á voz da sr.^a Dereyne. A aria das joias, se não foi um primôr de execução, cantou-a no entanto a gentil artista muito correctamente e mereceu os aplausos com que os espectadores a galardoadam.

A sr.^a Mantelli, na parte de Siebel, é sempre cantôra distincta. A voz é que perdeu o esmalte e não corresponde aos esforços da artista.

O tenôr Giorgi — Fausto — e o baritono Rossi — Valentim — são artistas novos, com bons elementos vocaes, mas com o grave inconveniente de virem para S. Carlos bem pouco seguros d'aquilo que cantam. Nem estão á vontade em cena, porque não fizeram o estudo preciso da personagem que teem de representar, nem como cantôres se podem emancipar das indicações e do apertado dominio da batuta do regente. Canto e parte dramatica ficam simultaneamente prejudicados, porque o artista nem de um nem de outra está perfeitamente seguro.

O tenôr Giorgi tem recursos para dizer bem a romança *Salve, dimora casta e pura*; mas está receoso, atento á batuta e não dá

á melodia a expressão e o calor de um apaixonado. As notas saem quase sempre acompanhadas de *sforzato*; destacam-se umas das outras e falta-lhes a ligação que permite dar á frase musical contôrno homogêneo e colorido apropriado. O artista preocupa-se em demasia com a sonoridade. Quando apanha uma nota aguda, acima de *sol* natural, agarra-se a ella e a custo a larga. Quer com isso impressionar agradavelmente o auditorio e os esforços de taes sonoridades prejudicam-no duplamente: cançam-lhe a laringe e não obtem os desejados applausos. Em geral o artista moderno, se alguma coisa estudou, passou o seu tempo a fazer timbre e não está preparado para cantar bem as romanças, arias ou cavatinas da opera antiga, que além de vocalização facil e correcta exigem modulações de voz empregadas com arte. São exactamente estes estudos de *bel canto* que faltam ao sr. Giorgi. Como em anterior chronica já dissemos, os elementos vocaes são bons, porque a escala é extensa, o timbre da voz é agradável e a sonoridade bastante igual em todas as notas; e mais o seria no registo grave, se tivesse sido bem trabalhado.

O baritono Rossi está em cena mais á vontade do que o tenôr Giorgi. E' artista com mais conhecimentos teoricos. Sabe musica. Preocupa-se no entanto em mostrar que a sua voz dispõe de muita sonoridade. Talvez mais por esse motivo do que por defeituosa empostação da voz, as notas saem sonoras mas oscilantes e portanto desagradaveis. Não emprega a *mezza voce*, que de muito proveito lhe seria em algumas frases musicas de sentimento, como na melodia *E tu che mi salvasti ognor*, dirigida á medalha, no terceto do 4.º acto.

Na partitura do *Fausto*, que por ahi corre impressa, não se aponta o colorido nem a expressão a dar á melodia; deixa-se isso ao bom senso e á escola de canto do artista. Na frase a que acabamos de nos referir, dirigida á medalha, ha um sentimento de amargura que só a meia voz pôde dar-lhe. Para cantar é preciso ter voz. Para cantar bem é preciso saber dominar a voz e empregal-a com arte. Para isso se creou a *arte de canto*, que só se obtem com muito estudo e muitos exercicios, principalmente os de vocalização.

O baixo Nicoletti fez-nos conhecer um Mefistofeles muito casquilho, com variados trajes e longos mantos, mas curtos recursos vocaes.

Os côros... A orchestra... A banda... O sr. Mascheroni muito precisa de ensaiar com mais cuidado e dirigir com mais fir-

meza. Todos com isso lucrariamos, para não termos saudades do sr. Mugnone.

Em 18 do corrente continuou o *Fausto* no cartaz para estreia da sr.ª Carmen Toschi na parte de Magdalena. E' uma artista com voz bem trabalhada, afinada, rigorosa no compasso e que mostra saber rudimentos; dá ás figuras e ás pausas o seu valor real. Se o timbre da voz não tem grande pureza de esmalte e forte sonoridade, nem por isso deixou de sobresair na frase *o del ciel angeli immortal* do terceto do 5.º acto. Disse com muita correcção a aria das joias, em que foi aplaudida. E' artista para ser apreciada com louvor.

Voltaram os *Palhaços* no dia 22 a fazer as delicias dos amadores. Na parte de Tonio reapareceu o baritono Enrico Nani, que, embora cantasse o prologo bastante correctamente e de modo a ser aplaudido, não é ainda assim opera em que brilhe muito. O ano passado gostamos mais de o ouvir na *Aida*, *Trovador*, etc.

A sr.ª Baldassare é uma Nêda muito fraquinha, embora elegante. O tenôr Gilion tinha voz para cantar bem o arioso do final do primeiro acto. Foi essa a impressão que nos deixou do *Sansão* e do *Otello*. Se no resto da partitura dos *Palhaços* ha situações em que o registo grave da voz do sr. Gilion não corresponde ao que d'êle se exige, em outros trechos, e entre êles o arioso, a tessitura aguda permitia ao sr. Gilion mostrar quanto valia. Não sabemos explicar a razão por que não tirou do arioso o partido a que o trecho se presta e em que quase todos os tenores se fazem applaudir.

O baritono Rossi podia ser aplaudido se a oscilação da sua voz o não compromettesse tanto. A falta de firmeza não lhe deixa dar colorido á melodia.

Para completar o espectáculo foram cantados o 1.º e 4.º actos da *Carmen*, com a sr.ª Mantelli na parte da protagonista e o tenôr Ballin no D. José. O tenôr, com mais ensaios e algum estudo, talvez de futuro consiga cantar a *Carmen*. A sr.ª Mantelli já a cantou bem, já em tempo agradou muito na protagonista e ainda com prazer nos recordamos d'essas boas noites. Com glorias passadas é que não é possível preencher actualmente os espectaculos da assignatura italiana. Mas parece que d'isto se não convence a empresa.

27 de janeiro.

ESTEVEIS LISBOA





A R. Academia de Amadores fez na noite de 21 a sua festa annual de beneficio.

Tomou parte a estudiosa pianista-amadora, sr. D. Beatriz Corrêa, tocando um *Nocturno* e um *Scherço* de Chopin, e a talentosa alumna da Academia, sr. D. Emilia Ledo, executando no violino a *Introdução e Rondó* de Saint-Saëns, com acompanhamento d'orchestra, e uma *Elegia* com acompanhamento de piano. Tanto uma como outra d'estas illustres senhoras tiveram uma larga copia de applausos, apoz cada uma das obras executadas.

Os numeros orchestraes foram uma *Ouverture* de Weber, a quarta *Symphonia* de Mendelssohn, um *Andante* de Reinecke e a marcha do Tannhauser; n'elles se mostrou com evidencia o zeloso esforço que o professor Wendling tem posto em melhorar e fazer progredir o seu grupo orchestral, luctando por vezes victoriosamente com deficiencias inherentes a todos os grupos de amadores e que são quasi sempre difficilimas de debellar. De masiadamente conhecemos o meio, para que não sejamos os primeiros a relevar as fraquezas de uma execução, que não póde deixar de ser despretenciosa, e que visa principalmente a tirocinar na musica de conjuncto os alumnos d'esta sympathica instituição artistica.

E encaradas

sob esse ponto de vista, que nos parece afinal o verdadeiro, as audições da Academia podem contar com toda a benevolencia e todo o apoio da critica.

*

Marie-Antoinette Aussenac

E' com excepcional prazer que registramos a passagem d'esta notavel pianista pelo nosso meio musical.

Já é rarissimo ouvir-se em Lisboa um artista de um tal valor; por isso mesmo a nossa revista exulta em poder referir-se aos seus dois concertos, o do dia 20 no salão do Conservatorio e o de 30, com a *Sociedade de Musica de Camara*, na *Sala da Illustração*.

Ha dois annos que M.elle Aussenac se fez ouvir aqui. Depois tivemos successivas noticias dos seus concertos de Paris, Berlim, Londres, Anvers e outras cidades ainda, e do exito alcançado em todos elles. E previamos que as eminentes qualidades reveladas na sua primeira visita se haviam de ter desenvolvido e robustecido. Não extra-



M.elle AUSSENAC

nhamos portanto a auctoridade de grande artista com que ella define os varios auctores, qualquer que seja a escola a que elles pertencam.

O seu temperamento revela-se de uma notavel complexidade, abrangendo a nota mais affastada na gamma da expressão, desde a perfeita serenidade e doçura, até á paixão mais violenta e ardente. E elle é servido por uma technica de uma riqueza notavel, que se diria resultante da fusão das mais superiores escolas pianisticas.

Eis os programmas executados nos dois concertos.

DIA 26

- | | |
|----------------------------|-------------|
| 1— Fantasia | MOZART |
| 2— Fantasia | SCHUBERT |
| 3— a) Estudo | CHOPIN |
| b) Nocturno | |
| c) Impromptu | |
| d) Polonaise, em lá | |
| 4— Nocturno | FAURÉ |
| 5— Tarantella | MOSKOWSKI |
| 6— Arabesque | DEBUSSY |
| 7— Toccata | SAINT-SAENS |

(Fóra do programma)

Fileuse..... MENDELSSOHN

DIA 30

- | | |
|--|--------------|
| 1— Quarteto | BEETHOVEN |
| 2— Sonata (4. ^a)..... | WEBER |
| 3— Sonata | CÉSAR FRANCK |

tendo por collaboradores na primeira e terceira obra, os srs. Francisco Benetó, Antonio Lamas e D. Luiz da Cunha e Menezes.

A' illustre pianista as nossas mais calorosas saudações.



O *Espadachim do Outeiro*, opereta em 3 actos de Lopes de Mendonça, musica de Augusto Machado, que subiu á scena na Trindade na noite de 18 do corrente, vem destoar por completo das mil frioleiras que em geral se exhibem nos nossos theatros. Não queremos dizer com isto que seja uma obra de vulto, mas é um trabalho conscien-

cioso e interessante, sem as torpes exposições, nem a phraseologia demasiado picante que se observam em quasi todos os espectaculos da actualidade.

O publico, infelizmente habituado ao dito chulo e á musica, verdadeiramente banal, das revistas, não encontrará decerto no *Espadachim do Outeiro* aperitivo sufficiente para o seu estragado paladar; mas torna-se necessario, para bem da arte nacional, pôr de parte a rotina e os nocivos processos que se empregam para attrahir o publico, e remodelar por completo o nosso theatro.

O nome de Lopes de Mendonça dispensa referencias elogiosas á peça, que, como todos os trabalhos do illustre escriptor, denota um profundo conhecimento da arte em que se tem enobrecido.

O assumpto é extraordinariamente interessante e o meio em que se passa a acção é dos que mais se prestam a ser com vantagem explorados. Todas as scenas estão bem movimentadas, houve um meticoloso cuidado no estado dos differentes typos da epoca, e os trocadilhos, proprios do tempo, cruzam-se constantemente com notavel espirito.

O trabalho de Augusto Machado é o de um musico de valôr com conhecimentos profundos da arte a que se dedicou

Os processos de instrumentação de Augusto Machado, deve-os a Massenet, de quem foi discipulo, e por isso em todas as suas composições se observa sempre a mesma factura cuidada e correcta.

A partitura do *Espadachim do Outeiro* não tem pretensões, que viriam destoar do caracter da opereta, mas adapta-se com notavel propriedade á acção dramatica, revela dotes technicos apreciaveis do seu auctor, e a sua melodia sae por completo da banalidade usual

Entre os trechos que mais nos agradaram citaremos toda a scena do *Outeiro*, um quinteto de bôa factura, as cançonetas de *Violante* e do *morgado*, e uma *gavotte*, puro estylo do seculo XVIII.

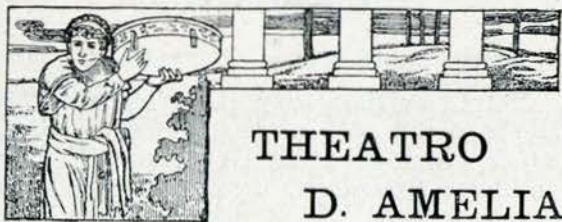
Para o desempenho regular da musica de Augusto Machado, tornam-se necessarios artistas com dotes especiaes que lhes permittam arcar com as responsabilidades que lhes são exigidas. Ora os nossos artistas, habituados em geral á banalidade da revista, e de outros espectaculos pouco educativos, ressentem-se da degeneração do meio em que trabalham.

Todos os interpretes do *Espadachim do Outeiro* luctaram pois com a deficiência dos seus recursos, diligenciando porem desempenhar-se do commettimento com a correção que as suas forças permittiam. Os côros muito afinados e firmes, e a orchestra,

afóra algumas hesitações, executou correctamente a partitura.

A peça está posta em scena com muito luxo de scenario e guarda-roupa.

LUIZ DA CUNHA.



THEATRO D. AMELIA

AS CONFERENCIAS DE JEAN RICHEPIN E DE MADAME CATULLE MENDÉS

N'esta monotona vida lisboeta a vinda de Richepin e de Mendés ao elegante theatro D. Amelia foi um acontecimento notavel, e que honra a empreza do theatro D. Amelia.

A sala apresentava um aspecto elegante, e diga-se desde já que todos affluiram ao theatro *na generalidade*, não pelas conferencias em si, mas para verem o aspecto dos conferentes; se eram sympathicos, magros ou gordos, brancos ou trigueiros! Porque irem ouvir conferencias apenas pelo assumpto *em si*, não é por emquanto publico para isso! E' chegado o momento de fallarmos claro, pois que vivemos sob um véo de fingimento que nos ridicularisa bastante! A classe da sociedade que apparece, que frequenta os logares caros dos theatros é d'uma ignorancia pasmosa! Ninguém pensa em ler, nem em se instruir! Conhecem rasoavelmente as *gravuras* da *Illustração franceza* e os crimes do *Petit Journal* e vão um pouco mais alem quando lêem um romance de Prévost ou de Loti. E' isto a generalidade, e os poucos que saboreiam a evolução litteraria não só da França mas das nações que contam no seu gremio homens de valor, é que acham o verdadeiro encanto a esta especie de divertimentos, porque alimentam-se espiritualmente de uma forma encantadora; a nossa alma vibra perante o Bello, perante a producção do Genio. Ora o publico que foi ás conferencias, foi simplesmente porque mal parecia não ir lá; é esta a pura verdade, porque no geral nem perceberam o que o poeta disse! Porquê? A resposta é simples; porque não teem bases, nem conhecem a lingua o bastante! Richepin disse certas imagens encantadoras,

aladas de poesia e candura, havendo n'ellas um veio tenue de melancholia; pois o publico sorriu-se! E riu-se porquê? Porque as não comprehendeu; a resposta é só esta! Richepin é um poeta em todo o sentido da palavra. Por isso não nos admirou que escolhesse para thema da sua primeira conferencia o *mar*! O mar com a sua grandeza e com a humildade em vir beijar as areias das praias, com a altura das suas vagas, com a lucta das suas aguas a baterem nas rochas, com o sussurro da sua linguagem mysteriosa, são continuos assumptos para que um poeta se inspire e que nos apresente coisas bellas e variedade de rimas. Os versos que lhe ouvimos são encantadores, de uma inspiração rara, e ditos de uma forma admiravel! No dominio scientifico, passou muito de leve; mais uma vez fallou nos trabalhos de Quinton, que diz que a vida tem a sua origem na agua! Já Richepin no seu livro *Gloire de l'eau*, apresentou em verso esta theoria.

A segunda conferencia foi sobre *Napoleão nos poetas*. Para Richepin Napoleão é um deus que elle adora; como francez, vão-lhe bem esses sentimentos! Mas esta conferencia foi inferior á primeira, pois que se limitou a ler poesias de Byron, Barbier, Victor Hugo e Heine. Mas devemos desde já frizar que estas conferencias de Richepin foram muito inferiores a outras que elle disse o anno passado em Paris e que tive o prazer de ler. Bastará apontar as seguintes: *Les contes de Perrault, Czaras, La Rochefoucauld, Montaigne, La Langue de Rabelais, Bossuet*, etc., etc, para nós avaliarmos que o illustre poeta, ou talvez avisado emquanto ao publico que o escutaria, fez umas conferencias aliás bastante agradaveis, mas com pouco fundo scientifico e historico.

Passados dias tivemos duas conferencias por Madame Catulle Mendés, a primeira sobre as canções populares francezas e a segunda sobre as poetisas francezas.

Madame Mendés, viuva do grande poeta Catulle Mendés, é uma mulher formosa, elegante, vestindo bem, e com voz bonita. Emquanto ás conferencias... é melhor ficarmos por aqui.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

A inspiração é a solução instantanea de um problema de ha muito meditado.

Napoleão 1.º



PORTUGAL

Consta-nos de boa fonte que em fim de maio teremos occasião de ouvir no theatro D. Amelia a *Orquestra Sinfonica* de Madrid, sob a direcção do maestro Fernandez Arbós, caducando, ao que parece, a ideia de vir a de Munich, com Lassalle, como se julgara e aqui annunciamos.

A orchestra de Madrid faz a partir de 20 de abril, um grande giro de concertos, que comprehende as seguintes cidades: — Murcia, Cartagena, Alicante, Valencia, Palma de Mallorca, Barcelona, Saragoça, Logronho, Bilbao, Santander, Oviedo, Gijon, Leon, Lugo, Corunha, Vigo, Porto e Lisboa.

Quando sae em *tournées* artisticas, a orchestra madrilena compõe-se de 75 professores, com 14 primeiros violinos, 12 segundos, 8 violetas, 6 violoncellos, 6 contrabai-xos, 2 harpas e o competente instrumental de vento e de percussão.

O maestro Arbós é muito conhecido do publico de Lisboa, mas como violinista. A primeira vez que veio ao nosso paiz foi como segundo violino do *Quarteto Monasterio*, em 1882; depois voltou, como solista ou acompanhado do violoncellista Rubio, em 1883, 1884 e 1901.

Hoje é professor honorario de violino no Conservatorio de Madrid, professor effectivo do mesmo instrumento no *Royal College of Music* de Londres e director da *Orchestra Symphonica* da mesma cidade. Ali reside effectivamente quasi todo o anno, mas passa sempre tres mezes em Madrid afim de ensaiar a orchestra e preparar o repertorio, que é hoje já muito variado e artisticamente escolhido.

Oxalá se confirme a noticia da vinda d'esta excellente orchestra, pois estamos certos que é uma das mais interessantes novidades que podemos dar os nossos amadores de boa musica.

*

Temos sobre a banca o primeiro numero da *Patria Portuguesa*, a cujos directores João Maria Ferreira e Alfredo Pinto (Saca-

vem), apresentamos os mais cordeaes cumprimentos.

O numero vem recheiado de bellos artigos, poesias, retratos e attinge, com igual brilho, os assumptos mundanos, literarios, artisticos e sportivos.

Longa vida e prosperidades é o que desejamos ao novo collega.

*

Entre os artistas com que o *Orpheon Portuense* conta para os seus concertos d'esta epoca citam-se o pianista Lazare Lévy, o violinista Boucherit, o tenor Plamondon e o violoncellista Pitsch, devendo este ultimo apresentar-se logo apoz o carnaval.

Para o primeiro concerto da epoca 1910-11, já o *Orpheon* está em tractativas com o famoso trio Cortot-Thibaud-Casals.

*

Parte nos primeiros dias de Fevereiro para Bruxellas a joven pianista, laureada do nosso Conservatorio, a sr.^a D. Maria da Conceição Pinheiro dos Santos.

Consta-nos que intenta matricular-se no importante Conservatorio da capital belga, ou frequentar o curso particular do professor Bosquet.

*

Está marcada para a data de hoje, no salão do Conservatorio, a festa annual do professor Sarti.

O programma é dos mais bellos e confectionado de modo a attrahir uma consideravel concorrência, pois além das melhores discipulas do notavel leccionista, cantar-se-hão coros populares, que hão-de despertar grande interesse e enthusiasmo.

*

Por incompatibilidade de datas, não podemos dar noticia circunstanciada de uma festa hontem realisada na Sociedade de Geographia, e em que tomou larga parte a *Grande Tuna Feminina*.

Conta-nos que entre as obras executadas por este gentil grupo, se executou a popular *Rapsodia de Fados* de Alfredo Mantua.

*

No theatro Aguia d'Ouro (Porto) vae haver uma curta epoca lyrica de 20 recitas, organisadas pela companhia Giovannini.

As principaes figuras da companhia são os maestros Mazzi e José Pascual, os sopra-

nos Albertini, Viñas, Aceña e Pangrazzi, os contraltos Galon e Panizzi, tenores Mauro e Mulleros, baritonos Molina e Gueri, baixos Giral e Caial.

Os assignantes da epoca transacta teem preferencia até 5 do proximo fevereiro.

ESTRANGEIRO

Em um dos ultimos numeros e em artigo especial, descrevemos o grandioso e vastissimo programma das festas musicas, que haviam de realizar-se em Roma e que tem effectivamente seguido o seu curso com um exito superior a toda a expectativa.

Bem o dá a entender uma carta particular, que recebemos d'aquella capital, e da qual recortaremos o seguinte periodo:—«O festival Beethoven, dirigido pelo Balling no enorme amphitheatro *Coréa*, teve um successo colossal. O enthusiasmo que este publico vae tendo pelos concertos classicos chega ao ponto de ser impossivel obter um bilhete, sobretudo nas festas populares, que o municipio, *a segno di propaganda*, dá pela modesta somma de 25 centimos. Mas a plateia custa 5 liras e a difficuldade é quasi a mesma.»

A seguir aos concertos beethovenianos, teve lugar, desde o dia de Natal até 23 do corrente mez, uma serie de magnificas festas musicas, dirigidas por Luiz Mancinelli e por elle organisadas com elevado capricho e senso artisticos. Para não citar todas as obras orchestraes que constituíam esses cinco programmas, bastará dizer que entre ellas se executaram:—a symphonia de Liszt sobre a *Divina Comedia*, dois preludios de Bach, a *Noite de Natal* de Rimsky-Korsakow, a segunda symphonia de Schumann, a *Morte e Transfiguração* de Strauss, a *Symphonia Italiana*, de Mendelssohn, a oitava de Beethoven, *Les Sirènes* e outras obras de Debussy, muitos fragmentos de Wagner, trechos do proprio Mancinelli das suas obras *Isaias*, *Cleopatra* e *Hero e Leandro*, etc.

O terceiro concerto foi inteiramente consagrado a Chopin, tocando se alem de varias obras pianisticas, a *Marcha funebre* orchestrada por Wood, e dois *Estudos* e uma *Polonaise* instrumentadas por Luiz Mancinelli.

Conhecem bem os nossos leitores o excepcional valor artistico d'este mestre, para que lhes causemos extranhese registrando o enorme exito obtido por Mancinelli n'essas cinco admiraveis audições. Conhecem-o não só como director de theatro, mas tambem como director de concerto, e ainda como operista d'incontestavel valia; em todas es-

sas manifestações, d'indole tão varia, se mostrou sempre Mancinelli um artista completo, na mais lidima accepção da palavra.

Não é pois para admirar o triumpho, que os jornaes romanos largamente nos relatam e pelo qual d'aqui lhe envia mos as mais cordiaes felicitações.

*

Em Praga o antagonismo politico entre tcheques e allemães é tão feroz e mantem-se tão vivo, que o annuncio de que ia executar-se n'um concerto o *Requiem allemão* de Brahms provocou disturbios tão violentos que foi necessario retirar a peça do cartaz e substitui-la por uma obra de Dvorak.

Mau indicio para a cultura e sentimento artistico dos de Praga: até parecem de Lisboa!

*

O conhecido empresario americano. Oscar Hammerstein propõe-se construir em Chicago um grande theatro d'opera lyrica. Orçam-se as despesas em mil contos de réis.

*

Tem sido absolutamente notaveis as sessões do *Quatuor Parent*, effectuadas desde dezembro na *Schola Cantorum* de Paris.

O mez de dezembro foi totalmente consagrado á audição integral das obras de musica de camara de Schumann, figurando além das peças instrumentaes (sonatas, trios, quartetos e quinteto), duas obras vocaes, *Amours d'une femme* e *Amours du Poète*.

As 8 sessões de janeiro e fevereiro são preenchidas pelos 17 quartetos de cordas e 7 sonatas de piano de Beethoven.

E para que se veja que a frivolidade parisiense não se permite nem mesmo interromper o seguimento methodico d'este artistico cyclo de concertos, notemos que na propria terça-feira gorda, ás 9 da noute (*heure militaire*), se ha de realizar uma das audições: assim o annuncia o prospecto que temos a vista.

*

O *Quatuor Lejeune*, de Paris, proseguindo no interessante trabalho historico que vem fazendo ha annos, organisou n'esta epoca uma serie de cinco sessões de musica russa, que começou em 23 de dezembro e ha-de terminar em 13 de abril.

A conferencia inaugural foi feita pelo professor da escola das *Hautes Etudes Sociales*, M. D. Calvocoressi.

Buscando fazer, em successivos cyclos de concertos, a historia do Quarteto de cordas

o *Quatuor Lejeune* obedece a um plano seriamente meditado e tem-o posto em pratica, como ainda o anno passado tivemos occasião de apreciar pessoalmente, com grande elevação e respeito artistico.

*

O campeão do mundo, em materia de... resistencia pianistica, é um americano de nome Harding, que tocou ultimamente sem uma unica interrupção durante 36 horas e 36 minutos! Bateu por 4 minutos o *record* anteriormente ganho por um outro maniaco da mesma especie.

E não se lembrarem de os metter, a um e outro, n'um bom manicomio, fechados a sete chaves!...

*

O «Covent Garden» de Londres abre as suas portas em 19 de fevereiro, para uma pequena *season* d'opera, que se prolongará apenas até 15 do mez seguinte. A peça d'abertura será a *Elektra* de Ricardo Strauss.

*

Annuncia-se para 23 d'este mez, em Carlsruhe, a primeira representação da nova ópera de Siegfried Wagner, intitulada *Barnadietrich*.



A premio

A exemplo do que já fizemos em outra occasião, offerecemos um premio ao primeiro decifrador da seguinte charada, cujo envio muito agradecemos ao anonymo *musico*.

O premio será d'esta vez a collecção dos

3 Annuarios Musicaes Illustrados

que a nossa casa editou ha annos, e que, por estarem ha muito esgotados, constituem uma quasi raridade bibliographica.

Charada musical

Quando não pertenço á musica
Sou muito mais considerado;
Até os sabios me estudam,
E já tenho sido adorado — 1.

Sendo eu um dos mais novos,
Não sei qual seja a razão,
Porque meus irmãos nada fazem
Sem a minha approvação — 1.

Não tendo nada com a musica,
Por um vicio indesculpavel
Obrigam-me a acompanhá-la
D'uma forma insuportavel.

UM MUSICO.



E' com sincera magua que noticiamos o fallecimento de D. Maria da Piedade dos Reis Farto, distincta professora de piano e de violino, tão modesta quanto talentosa. Fôra discipula de Francisco Bahia e de Victor Hussla e a nossa revista publicou lhe o retrato no numero 41, acompanhando-o de algumas linhas de apresentação.

*

Falleceu Charles Halir, segundo violino do *Quarteto Joachim* e tambem fundadôr de um Quarteto e um Trio, que tomaram o seu nome e tiveram grande reputação na Allemanha. Halir morreu com 51 annos, em Berlim, onde era muito estimado e onde occupava os logares de violino solista na orchestra real e professor da Hochschule.

Todos os que soffrem de doenças de peito (tuberculose, bronchite, catarro pulmonar, etc.) devem experimentar a celebre **Poção antiseptica** do dr. Bandiera.

Este especifico, de admiravel effiacia, está registrado conforme as disposições legais e encontra-se á venda em Palermo (Italia), na Pharmacia Nacional, situada na Rua Cavour, 89 e 91. O preço de cada garrafa, acompanhada do prospecto com instrucções, é de 4 francos, aos quaes se deverão juntar as despesas de transporte e embalagem.

GAVEAU Grande Fabrica DE PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie—PARIS

OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

Hors Concours: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—
Amsterdam (1895)—Paris (1900).

Diplomas d'Honra: Amsterdam (1883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas
(1888)

Grand Prix: Hanoi (1895)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de
✕ ✕ pianos d'esta reputada fabrica ✕ ✕

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados
para a Importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, ASIAHAUS

HAMBURGO, 8

AGENTES EM: — Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA



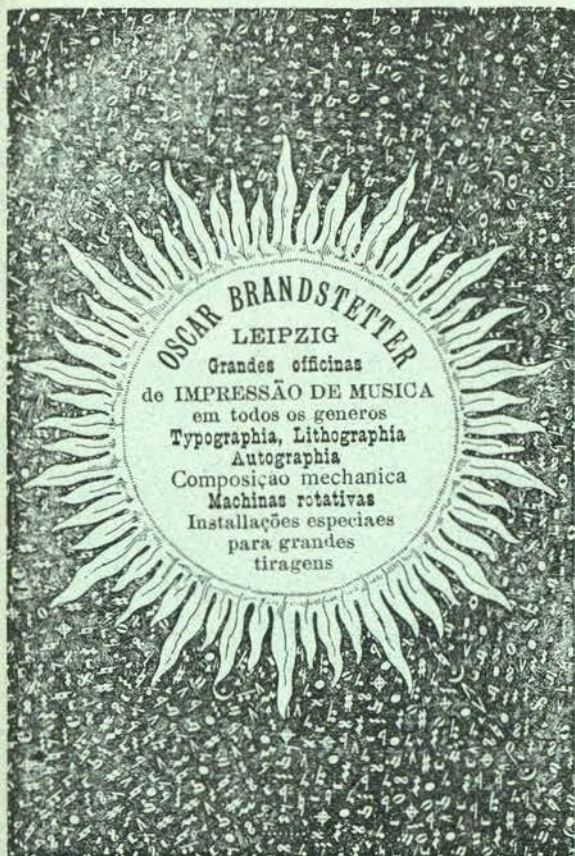
14^{bis}, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000
Produção até hoje	120:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury - Hors concours



Caressa
— & —
 Français
Celebre
Violaria
parisiense

Violinos de superior fabrico
30\$000, 70\$000, 120\$000

Accessorios para Instrumentos d'arco
(Especialidade)

Representante
em Portugal **Lambertini**



Carl Hardt



== Fabrica de Pianos == Stuttgart

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensa nas seguintes exposições:— Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **Casa Lambertini**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

Professores de musica

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 56, 1.º E.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Amelia Cunha , professora de piano, <i>R. Rosa Araujo, 31, 1.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Arthur Trindade , professor de canto, <i>R. Barata Salgueiro, 11, 1.º</i>
Carlos Augusto Tavares d'Andrade , prof. de piano, <i>R. de S. Roque, 61, 2.º</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Rua do Monte Olivete, 12, C, 2.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Costa do Castello, 46.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.</i>
Joaquim A. Martins Junior , prof. de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.^{me} Sanguinetti , professora de canto, <i>R. da Penha de França, 4, 3.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua D. Carlos I, 144, 3.º</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>R. Conde Redondo, 35, 2.º</i>

A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral
Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte)	1\$800 "
Estrangeiro	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Lisboa